

SENHORIO

“Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”

Filipenses 2:9-11

Quem é Jesus Cristo? Há 2 mil anos as religiões do mundo tentam responder a essa pergunta. Para alguns, um amuleto perdurado na parede ou no pescoço; para outros, um profeta, um espírito evoluído; para uns poucos, alguém que deixou o nome marcado na História como um mártir revolucionário; para nós, Ele é o Cristo, O filho do Deus vivo! (ler **Mt 16:13-16; Jo 13:13**).

Encontramos na carta de Paulo à Igreja em Filipo um exemplo irretocável de obediência. É uma das passagens cristológicas mais majestosas e profundas de toda a Palavra de Deus. Nela, o apóstolo nos apresenta um servo obediente, cujas vontades não são mais levadas em conta, que se esvaziou de quem ele era para cumprir uma missão (ler **Fp 2:5-11**). Ele, sendo Deus, da mesma substância que Deus, obedeceu, e por ter obedecido, foi exaltado. Ele, sendo o primeiro e o maior servo, nos ensinou o que deveríamos fazer, a saber, elegê-lo Senhor de nossas vidas.

Esse texto representa a plenitude do senhorio de Cristo, a verdade magna do Cristianismo, o núcleo e a essência do Evangelho: Jesus Cristo é o Senhor! A salvação só é alcançada com a combinação de confissão e crença: *“Porque, se com a tua boca confessares a Jesus **como Senhor**, e em teu coração **creres** que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo; pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação”* (Rm 10:9-10). A verdade essencial é essa: aquele que confessar que Jesus Cristo é o Senhor e crer que Deus o ressuscitou, esse será salvo!

Durante um tempo, ainda na época de Jesus, os seguidores do gnosticismo – filosofia que mistura a filosofia grega e a fé judaica – foram os primeiros a questionar as falas messiânicas de Jesus. Defendiam que *“a matéria é essencialmente má e o espírito essencialmente é bom”*, portanto não acreditavam que Jesus podia **ser carne e ser bom**. Para outros pensadores, Jesus era uma espécie de fantasma, que não tinha um corpo material, humano. O evangelista João escreveu que aquele que nega que Jesus veio em carne é o próprio anticristo (1 Jo 4:2-3), e é por isso que a Bíblia afirma que já vários anticristos têm surgido (1 Jo 2:18).

No século IV, Ário, bispo de Alexandria, começou a pregar que Jesus não era Deus, que não tinha a mesma substância de Deus: *“era superior aos homens e aos anjos, mas inferior a Deus”*. Essa heresia foi combatida e derrotada no concílio de Nicéia em 325 d.C. Outros afirmaram que havia duas pessoas em Jesus, ou que tinha apenas uma natureza, contradizendo a verdade de que Ele é uma *“pessoa”* com duas naturezas distintas: Jesus é verdadeiramente Deus e é verdadeiramente homem. Em 451, o Concílio de Calcedônia declarou a dualidade humana e divina de Jesus, como uma das pessoas da Trindade divina.

Já na era moderna, com o desenvolvimento do racionalismo, o século XIX marca a negação da natureza divina de Jesus. No século XX surge uma corrente teológica mais liberal, que defende serem

os homens todos irmãos, todos filhos de Deus, independentes de Cristo. O ecumenismo ganha força. Para muitos, a Bíblia torna-se uma mitologia em que a narrativa de um “deus encarnado”, que ressuscitou e que prometeu voltar, não passa de ficção e conversa de gente alienada.

Desde sempre a verdade do texto de Filipenses é combatida e também mal compreendida pela própria Igreja, cuja tarefa principal é declarar e anunciar Jesus Cristo como Senhor. Para termos ideia da importância disso, Jesus é apresentado no Novo Testamento 16 vezes como Salvador, 64 vezes como Mestre, e 650 vezes como Senhor, em total alinhamento com a identificação de Deus no Antigo Testamento, que é citado como Senhor mais de 6800 vezes. A mensagem da Igreja deve ser: **Creia no Senhor Jesus!** Se com tua boca confessares que Jesus é o **Senhor...** aí então virá a salvação!

Nas igrejas, por vezes se ensina de forma equivocada que primeiro se assume Jesus como Salvador e, com a caminhada, vamos aprendendo que Ele é o Senhor. A grande ênfase da mensagem Neotestamentária é que Jesus é o **Senhor** de nossas vidas. Se não reconhecemos que Ele é o centro e que está no controle, não o teremos como nosso Salvador. A teologia moderna, de diferentes formas, colocou Jesus em segundo plano. O homem e suas necessidades tomaram lugar de Jesus na centralidade da Igreja.

Kirius (“Senhor” em grego) era “César”. Roma não aceitava que alguém além do César fosse senhor. Eles aceitavam outras religiões e isso estava na estratégia de dominação, mas não uma que proclamasse a existência de um senhor que rivalizasse com César. Nós, cristãos, sofremos perseguições desde então por glorificarmos apenas a Deus, que nos criou para o louvor da Sua glória! Esse é o propósito maior e principal de nossa existência (Ef 1:3-12). Tudo está sujeito a Jesus, e estará até o fim, quando Ele entregará o Reino de volta ao Pai (ler **1 Co 15:24-28**).

Sendo, portanto, criados para louvor da Sua glória, como podemos louvá-Lo na prática? Reconhecendo o Seu senhorio em tudo que somos e fazemos! Declarando que Ele é o Senhor de todas as coisas, da nossa vida e do nosso tempo, bens, talentos, família, vontades, desejos, sonhos, etc. Devemos buscar viver constantemente essa realidade. Sem isso, essa verdade não se afirma, não produz frutos, não alcança mentes e corações, não produz *metanoia!*

No livro de Jó, Deus nos mostra que Ele tem o controle de tudo. Ele sabe tudo que acontece em nossas vidas e o porquê de tudo acontecer. Ele não nos criou para nos deixar sofrer, nem nos criou por mero capricho. Ele nos criou com propósito. Nos criou para termos um relacionamento pessoal e íntimo com Ele. Em nossas vidas só podemos ter um único Senhor. Se colocamos algo acima de Deus, se não reconhecemos o absoluto senhorio de Cristo, não estamos servindo a Ele como deveríamos: *“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”* (Mt 6:24). Romanos 11:36 diz: *“Porque dele (Jesus) e por ele (Jesus) e para ele (Jesus) são todas as coisas”*. Ele criou todas as coisas para Si mesmo.

A conversão é isso. Substituir tudo o que ocupa o primeiro lugar por Jesus e passar a servi-lo. Se não o servimos, se não reconhecemos o senhorio dEle em nossas vidas, nossa conversão está em xeque! Precisamos pois fazer uma auto análise! A conversão autêntica consiste em voltar-se do pecado para Deus, em Cristo. É lançar por terra nossa fracassada autonomia e render-se a Ele, reconhecendo sua autoridade e seu poder. A conversão, no Novo Testamento, é descrita assim: *“Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos entre vós, e como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes [estardes em sujeição, obedecerdes] ao Deus vivo e verdadeiro, e esperardes dos céus a seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira vindoura”* (1 Ts 1:9,10).

A conversão produzida pelo Espírito Santo é algo completamente radical. É um milagre produzido pela graça. É a entronização de Cristo na vida do indivíduo. Multidões agarram-se a uma “religião” apenas para cumprir ritos e aplacar a crise de consciência. Recusam-se a abandonar o pecado, e não vivem a plenitude da paz de espírito exatamente por serem escravas de suas próprias paixões. Tais pessoas jamais receberam a “Cristo Jesus, o Senhor” (Cl 2:6). Tivessem feito isso, a “alegria do Senhor” seria a força delas (Ne 8:10). Porém, a linguagem existente no coração e na vida dessas pessoas (embora não em seus “lábios”) é: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14).

O grande milagre da graça consiste na transformação de um rebelde iníquo em um súdito leal e amoroso. Trata-se de uma “renovação” do coração, de tal maneira que seu dono vem a rejeitar aquilo que amava, e as coisas que julgava desagradáveis agora lhe parecem atraentes (2 Co 5:17). Ele se deleita, segundo o “homem interior”, na “lei de Deus” (Rm 7:22). Descobre que os “mandamentos” de Cristo “não são penosos” (1 Jo 5:3) e, que, “em os guardar, há grande recompensa” (Sl 19:11).

Jesus tornar-se Senhor da vida de uma pessoa implica em uma rendição absoluta e total ao seu senhorio, reconhecendo que a vontade que passa a vigorar é a dele, e não mais a sua própria (“Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?” - Lucas 6:46). Além da entrega absoluta, deve haver o reconhecimento de que somos sua propriedade: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo.” (1 Co 6:19-20).

Quando uma pessoa cede ao senhorio de Jesus Cristo, ela reconhece que é propriedade dEle e desiste de lutar por suas vontades próprias. A palavra “doulos” em grego significa “escravo”, portanto, quando Jesus passa a ser nosso Senhor, já não pertencemos mais a nós mesmos pois fomos “adquiridos” por um alto preço. Precisamos sempre nos lembrar que um servo obedece e pertence a alguém. E como verdadeiros “doulos”, que nasceram de novo, pertencemos ao nosso Senhor e desejamos alegremente obedecer e agradar a Ele em tudo que pensamos, dizemos e fazemos.

PARA REFLEXÃO:

O Senhorio de Jesus Cristo envolve a nossa vontade de ir para onde Ele nos enviar, quando Ele nos enviar, não importando o sacrifício e a nossa vontade. Podemos dizer, honestamente, “a qualquer hora, qualquer coisa, em qualquer lugar” para Jesus porque Ele é verdadeiramente seu Senhor? O que precisamos renunciar para fazer isso? Em que medida estamos sendo influenciados pelo espírito do nosso tempo a colocar o nosso próprio ser e necessidades à frente do senhorio de Cristo? Pare por um instante e faça um auto-exame. Tente identificar quais áreas da sua vida precisam ser definitivamente entregues ao senhorio de Cristo.

PARA ORAÇÃO:

Que nossa oração seja tão verdadeira quanto o texto de Gálatas 2:20: *já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.*